

RESENHA: MOTA, MURILO PEIXOTO DA. SAINDO DO ARMÁRIO: DA EXPERIÊNCIA HOMOSSEXUAL À CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE GAY. SÃO PAULO: FONTENELE PUBLICAÇÕES, 2019.

Mário Jorge Paiva

Doutorando, mestre, licenciado e bacharel em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente livro de Murilo Peixoto da Mota é um estudo qualitativo, baseado em entrevistas semiestruturadas, sobre características, diferenças e similitudes geracionais, entre membros *gays* masculinos da cidade do Rio de Janeiro; mesmo que valha dizer, também, que o texto não aprofunda sobre questões dos membros transmasculinos, não-binários etc., sendo essa uma questão¹⁴.

O autor fala de muitas idas e vindas do *armário*, muito se avançou em certas questões políticas, mas em outras ainda há terrenos hostis, em uma conjuntura ultra-conservadora¹⁵ (MOTA, 2019, p. 20)¹⁶.

Em termos de metodologia, o livro não aprofunda como foi feito o recorte da amostra, e nem como, em termos estatísticos, essa amostra pode representar tais duas gerações tratadas, chegando o autor a explicitar que não possui pretensão de realizar generalizações (MOTA, 2019, p. 30).

Mota (2019, p. 22) apresenta como não houve um fechamento do *recorte* de forma precisa, ou circunscrita, em categorias de: classe social, cor de pele ou escolaridade¹⁷. Neste sentido, também não é muito desenvolvida sua escolha de tais faixas etárias¹⁸.

Sair do armário, para o autor, é uma experiência política, com perdas e ganhos nos espaços de convivência, seja ele público ou privado (MOTA, 2019, p. 23). Os fatos narrados, nas histórias de vida, mostram como relações de cunho homossexual ainda são negadas enquanto uma questão de direito, havendo um enfrentamento cotidiano da violência articulada pelos efeitos simbólicos de uma *hegemonia heteronormativa* (MOTA, 2019, p. 28). Somente fora do armário, para o autor, se pode lutar pelo direito à diferença (MOTA, 2019, p. 29).

14 Um grupo com idade entre 20 e 29 anos e outro entre 30 e 54 anos.

15 O autor em nenhum momento explica o que é o ultra-conservadorismo.

16 Fala o autor do ultra-conservador e fascista (MOTA, 2019, p. 49). Porém o conceito de fascismo, trabalhado pelo autor, também é pouco aprofundado; cita Marcia Tiburi apenas.

17 O ponto principal do processo, de seleção, é mesmo essa questão etária. Os selecionados foram escolhidos partindo de indicação de amigos de seus amigos em determinadas redes, como Facebook (MOTA, 2019, p. 73).

18 Por que uma geração possui um recorte de 9 anos (29-20=9) e essa outra um recorte de 24 (54-30=24) anos?

Depois da *Introdução*, o livro passa ao *Capítulo 1 – O “armário”*: uma leitura geracional, o qual é uma introdução breve da história do movimento LGBTI+ e de certas questões de aporte teórico. Tal capítulo funciona bem enquanto uma forma de *vulgarização científica* do estado da arte do tema para o público leigo; para maiores aprofundamentos da história dos homens homossexuais, ver também: João Trevisan (2018), James Green & Renan Quinalha (2014) e James Green (2019).

Na sequência, entra o *Capítulo 2 – O entrevistado e suas memórias*. Tal momento do livro reporta uma falta de neutralidade do estudo em questão, desejando tal obra uma aproximação da promoção dos Direitos Humanos. Logo essas entrevistas surgem, para o autor, como vozes de resistência, que denunciam violências e também produzem outras gramáticas comprometidas com um sentido libertário (MOTA, 2019, p. 71).

Mota, usando Gilberto Velho, escreve como toda noção de normalidade e desvio possui caráter instável e dinâmico. Os indivíduos vivenciam múltiplos papéis ao longo de seu cotidiano, então suas narrativas não são lineares e dialogam com espaços e territórios diferentes (MOTA, 2019, p. 72).

O *Capítulo 3 – A construção de “ser gay”*: olhares sobre os entrevistados entra na parte mais original da pesquisa, apresentando os entrevistados e também revelando algumas de suas falas, para demonstrar suas narrativas de vida. Várias questões importantes vão surgindo, mas de modo não esquematizado, algo que termina por surgir no próximo capítulo.

O *Capítulo 4 – “Saindo do armário”*: assumir-se gay através das gerações produz uma análise dos entes sociais anteriormente desvelados. Mota fala de como nota-se uma influência dos movimentos sociais LGBTI+ na construção de *capitais simbólicos*, nos termos de Pierre Bourdieu. Logo, diante dessa sociedade que ora tolera e ora estigmatiza o homossexual, a autoafirmação dos homossexuais ganhou espaço na sociedade (MOTA, 2019, p. 118).

A conjuntura aponta também uma participação ambígua da família de tais entes em estudo, pois tal família ainda é um entrave para uma aceitação da homossexualidade (MOTA, 2019, p. 119).

Para o contexto geracional entre 20 e 29 anos, há um discurso com nítida influência midiática. A luta política já é uma conquista, com amplas estratégias de organização e visibilidade na sociedade, incluindo até candidatos para cargos no Legislativo. Da mesma forma, há avanços no campo jurídico – nome social, reconhecimento da união civil etc. – e a ampliação das paradas LGBTI+, como manifestações políticas e culturais (MOTA, 2019, p. 120).

Essa geração, mais nova, é politicamente mais liberal – para entendermos melhor tal ponto, o que é liberalismo, sugerimos José Guilherme Merquior (2014) –, então os aspectos reivindicatórios de lutas coletivas são menores, junto aos movimentos identitários; em uma *corrida* ao Judiciário, para se buscar implementação de direitos. Então não é gratuito o fato de mais entes criticarem essas paradas, graças ao olhar menos politizado (MOTA, 2019, p. 122).

De qualquer modo, o espaço público ainda é espaço para o enfrentamento (MOTA, 2019, p. 126). É uma geração de maior abertura para sair do armário, pois os indivíduos não mais estão tão isolados e, caso queiram, podem se associar politicamente (MOTA, 2019, p. 128).

A luta por aceitação para o segmento entre 30 e 54 anos, e para sair do armário, foi algo mais difícil. O autor lembra como o termo *homossexualismo* estava associado ao patológico¹⁹. Houve, também, uma luta acirrada contra o papel moralista da Igreja Católica e pouco se viu avançar no campo dos direitos, embora tenham surgido certos ganhos nas pautas dos movimentos sociais; e a Constituição de 1988 ter garantido certas conquistas (MOTA, 2019, p. 120). Posteriormente, tal geração ainda viu a homossexualidade passar para uma categoria central de saúde pública, graças ao HIV, com maior estigmatização e medo (MOTA, 2019, p. 120-121). Não se percebia também um efetivo mercado homossexual; o circuito *gay* das grandes cidades ainda era algo sem muita visibilidade (MOTA, 2019, p. 131).

Há todo um percurso para se perder a culpa e aprender que o afeto é possível, para além dos jogos eróticos (MOTA, 2019, p. 132). Tal geração também possuiu experiências sexuais com mulheres – e aqui é importante notar como o autor está abordando o homem cisgênero como seu recorte –, chegando aos noivados e casamentos, logo era um cenário de maior heteronormatividade (MOTA, 2019, p. 136-137). E o preservativo ainda não fazia parte das experiências (MOTA, 2019, p. 136).

O *Capítulo 5 – A homossexualidade e seus efeitos simbólicos no curso da vida* continua falando sobre diferenças entre tais duas gerações. O capítulo trata como não há indivíduo, no estudo, que não tenha passado por uma crise subjetiva, envolvendo tal dimensão homossexual. Fala o autor que, por causa das dimensões simbólicas *gays*, eles podem terminar discriminando outros *gays* também (MOTA, 2019, p. 140-141).

Sobre essa geração mais nova, entre 20 e 29 anos, o autor retoma alguns dos pontos do capítulo anterior; trata universidades e *internet* como espaços para sociabilidades e liberdade maior, nesse novo quadro (MOTA, 2019, p. 146), contra uma falta de acolhimento religioso, principalmente de grupos de matriz evangélica, que ainda causam embaraço e constrangimento (MOTA, 2019, p. 148).

Sobre o segmento mais velho, entre 30 e 54 anos, Mota faz certas contextualizações históricas, de que esses entes viveram nos anos de chumbo da ditadura e viram eventos como: a revolta do bar Stonewall, os *hippies* e a queda do Muro de Berlim. Nos anos de 1980, a pauta envolvia retomada da democracia, anistia aos exilados e, em tal período, foi visto um fortalecimento dos movimentos sociais, envolvendo questões feminista, sindicais, ecológicas, etc. (MOTA, 2019, p. 150-151). A autoafirmação da homossexualidade não se fazia com grande publicidade, com formas ainda clandestinas de se viver tal sexualidade (MOTA, 2019, p. 153).

19 Foi em 1990 que a OMS, Organização Mundial da Saúde, retirou o termo da lista internacional de doenças, o autor também relembra.

O *Capítulo 6 – Ser homem, masculino e homossexual: a construção da identidade gay* continua desenvolvendo tal pesquisa, abordando aqui mais uma dicotomia, masculino e feminino, e espelhando uma construção de dois tipos de homossexuais: o primeiro, que possui uma *performance* mais associada ao que se entende como *ser mulher*; o segundo tipo envolve o desejo pelo mesmo sexo, mas com um papel de gênero *esperado* ao que é *ser homem* (MOTA, 2019, p. 160). Essa é uma importante discussão, a qual o livro poderia desenvolver mais até, porque há toda uma bibliografia bastante interessante sobre tal questão, da dimensão de *performance*.

O autor fala de como essa não conformidade, com o papel de gênero, pode trazer questões para tais indivíduos, antes mesmo de eles entenderem o que é ser homossexual (MOTA, 2019, p. 162). Mas a feminilidade, percebida em certos sujeitos *gays*, pode ser vista também como uma estratégia de resistência e enfrentamento, partindo do humor e da irreverência (MOTA, 2019, p. 163).

Esses jovens entre 20 e 29 anos demonstram que essa tolerância maior talvez não seja tão grande assim, porque, em suas histórias, também existem enfrentamentos desde a infância. Há desde violência simbólica até a física, realizada por alguém próximo, na escola ou na família (MOTA, 2019, p. 167). O espaço social hostil faz o armário parecer uma redoma para o ente em questão (MOTA, 2019, p. 167).

Na geração entre 30 e 54 anos, esses sujeitos se representam fragilizados por conta da dominação masculina, e há esquemas de apreciação das estruturas da ordem masculina mais evidente, porque eles mesmos se enxergam como produtos de tal dominação. Reconhecem que há elemento de ratificação em tal discurso, de associação da homossexualidade como algo mais próximo ao feminino (MOTA, 2019, p. 168). Destacam como também determinados gostos parecem que se justificam pela homossexualidade, em tais narrativas, como ter uma sensibilidade maior para letras, filmes *cults*, etc. (MOTA, 2019, p. 169).

O deslocamento dos locais de origem para os grandes centros urbanos, local em que podem mais facilmente ter acesso aos pares homossexuais e individualidade, longe do olhar controlador da família, também é marca geracional (MOTA, 2019, p. 169).

O *Capítulo 7 – O fenômeno da Aids para as gerações* possui título bastante explicativo. Tal momento do livro retoma essa história do HIV e como ela foi associada à população homossexual.

A geração entre 20 e 29 anos já vivenciou uma expectativa maior de tratamento e de qualidade de vida da pessoa infectada. Também possuiu, mais abertamente, formas de atividade sexual que não eram conjugais, sem tal força do casamento. E se observa um aumento no número dos jovens infectados pelo vírus (MOTA, 2019, p. 174-175)²⁰. A camisinha não foi adquirida em

²⁰ Mesmo que haja uma nova era preventiva, encontrando-se profilaxias de pré e pós exposição (MOTA, 2019, p. 177).

todas as suas atividades sexuais, sendo negligenciada em relações duradouras de parceiros fixos (MOTA, 2019, p. 177).

Sobre a geração mais velha, entre 30 e 54 anos, o autor fala que o HIV revelou uma bissexualidade brasileira (MOTA, 2019, p. 181). Os depoimentos apresentam experiências impactadas pela doença, não só por medo de contraí-la, mas graças ao estigma, contra essa população homossexual (MOTA, 2019, p. 185).

O Capítulo 8 – O “assumir-se gay” e o campo teórico de análise das experiências sexuais realiza uma observação dos dois cortes etários, sendo uma discussão mais teórica. O autor explora melhor seu aporte e seus posicionamentos no campo acadêmico.

Ele começa por falar da questão do *habitus* e da naturalização da norma heterossexual (MOTA, 2019, p. 188), apontando que individualidade e sociedade são construções históricas (MOTA, 2019, p. 191). Recorre, também, ao conceito de gênero e que os atores sociais são afetados por seus territórios; *vide*, seguindo Nestor Perlongher, como há, em São Paulo, *michês* com perfis diferentes, há variância entre o *michê-macho* e o *bicha* (MOTA, 2019, p. 198).

Avançando em sua análise teórica, o autor cita Pierre Bourdieu, Paul Preciado, Judith Butler, Howard Becker, Anthony Giddens – com sua discussão sobre os *outsiders* – e Erving Goffman. Toda uma abordagem sobre os elementos socialmente construídos da sexualidade.

O Capítulo 9 – *Considerações finais* encerra o livro, retomando Michel Foucault para falar de como os homossexuais foram perseguidos. Logo, o sair do armário é reafirmado enquanto um elemento político, um ritual de passagem individual e um ritual performativo, em que a luta pelos Direitos Humanos não é acabada.

Sua consideração final é que o tema não se encerra em tal livro, existindo espaço para futuros estudos sobre essa onda de regressos em nosso momento político (MOTA, 2019, p. 230). Só podemos concordar como o governo de Jair Bolsonaro foi desastroso, em diversos aspectos, sendo momento de visível avanço da direita radical, que inclusive ameaça nosso modelo democrático.

A obra, de modo geral, apresenta uma discussão bastante interessante; envolvendo diferenças etárias surgidas entre entes homossexuais. Mas certos pontos poderiam possuir abordagens mais profundas. Um exemplo: Mota (2019, p. 174) diz que a sexualidade é uma construção da cultura, e nada possui de um sistema biológico ou um reflexo da natureza. Ao falar tal coisa, o autor abre precedente para um grande debate interdisciplinar, sobre cultura *vs* natureza, envolvendo até os estudos biológicos, etc. E há pesquisas, por exemplo, que apontam como o cérebro do homossexual possui funcionamento diferente do heterossexual, e há várias outras questões também, do uso de hormônios até elementos gestacionais do ente; vale conferir assim, por exemplo, Simon Levay (1991), Thomas Paul *et al.* (2008), Ivanka Savic & Per Lindström (2008), Timm Poepl *et al.* (2016) etc. Assim, o mais preciso é falar em uma

interseção entre elementos biológicos e culturais, mas o autor não entra em tal tipo de debate, estando obviamente errado em seu apontamento, anteriormente apresentado.

Os melhores capítulos da obra são os que apresentam os dados da pesquisa realizados por Murilo Peixoto da Mota, mesmo que certas questões metodológicas exigissem maiores explicações. Já os outros capítulos, em termos historiográficos ou sociológicos, não parecem somar muitas novidades, mesmo que ajudem o leitor leigo em uma introdução de certas discussões existentes.

Bibliografia

GREEN, James Naylor. **Além do Carnaval**. São Paulo: UNESP, 2019.

GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan. (orgs). **Ditadura e Homossexualidades**. Repressão, Resistência e a Busca da Verdade. São Paulo: EDUFSCAR, 2014.

LEVAY, Simon. A difference in hypothalamic structure between heterosexual and homosexual men. **Science**, v. 253, n. 5023, p. 1034-1037, 1991.

LINDSTRÖM, Per; SAVIC, Ivanka. PET and MRI show differences in cerebral asymmetry and functional connectivity between homo and heterosexual subjects. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 105, n. 27, p. 9403-9408, 2008.

MERQUIOR, José Guilherme. **O liberalismo**. Antigo e moderno. São Paulo: É Realizações, 2014.

MOTA, Murilo Peixoto da. **Saindo do armário**. Da Experiência homossexual à construção da identidade gay. São Paulo: Fontenele Publicações, 2019.

PAUL, Thomas et al. Brain response to visual sexual stimuli in heterosexual and homosexual males. **Human brain mapping**, v. 29, n. 6, p. 726-735, 2008.

POEPPL, Timm et al. A neural circuit encoding sexual preference in humans. **Neuroscience and biobehavioral reviews**, v. 68, p. 530-536, 2016.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.